

Mobilização comunitária

DF - educação

CORREIO BRAZILIENSE

supre omissão da FEDF

10 SET 1988

ELIANE OLIVEIRA
 Da Editoria de Cidade

Estudar no Centro Educacional do Lago, na QI-9, conjunto H, Lago Sul, é um privilégio. A escola é daquelas que sobrevivem às custas de doações, mas oferece à clientela boa estrutura física e pedagógica. Com a maioria do corpo docente residente na localidade e oficinas e laboratórios bastante razoáveis, pode-se dizer que a comunidade escolar vive numa "ilha da fantasia", como classifica a profissional de apoio pedagógico, Aparecida Mendonça.

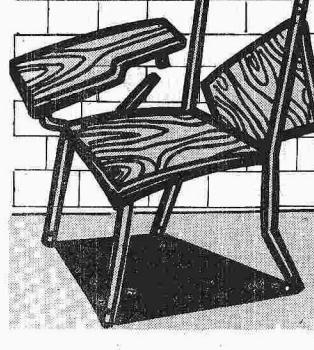
Cerca de 40 por cento dos 800 alunos matriculados são provenientes de invasões ou filhos de empregados nas mansões do Lago Sul. O curioso é que justamente os estudantes carentes são os que mais contribuem com a Associação de Pais e Mestres (APM). Na escola funcionam, nos três turnos, 7^a e 8^a séries e 2^º grau. Há 44 professores, sem substitutos, e a quantidade de servidores é "mais que suficiente", segundo o diretor João Alfredo Rodrigues. "A exceção se dá na mecanografia. Faz um ano e meio que os próprios docentes fazem o serviço".

CAMPANHAS

O colégio vai bem graças às campanhas. Há pouco tempo, a comunidade ganhou cerca de Cr\$ 500 mil só em vidrarias e equipamentos de laboratório. "Os doadores preferem ficar no anonimato", esclarece João Alfredo, ao ser perguntado sobre a procedência dos recursos. Ele acrescenta que os recibos da APM, que servem para desconto no Imposto de Renda, estimulam empresas a colaborar na manutenção da escola.

Segurança não é problema no Centro Educacional do Lago.

A VERDADE DAS ESCOLAS PÚBLICAS



"Dia e noite há policiamento ostensivo", afirma o diretor. Entretanto, existem sempre contratempos, como o que aconteceu na última greve dos vigias, nos meses de abril e maio deste ano: 10 vidraças foram quebradas. "Nessa época, pedimos a reposição do material à Fundação Educacional. Somente em agosto conseguimos colocar vidros novos, com o dinheiro das campanhas", lamenta.

Os laboratórios de química, física e biologia estão bem aparelhados, assim como as oficinas de Práticas Integradas para o Lar (PIL), Práticas de Comércio e Serviço (PCS) e Práticas Industriais (PI). A segunda, com 36 máquinas de escrever manuais e sete elétricas, oferece curso gratuito de datilografia para a comunidade, ministrada por um aluno do 3^º ano noturno.

Embora de vez em quando tenha problemas com o acervo, a Biblioteca Vinícius de Moraes, com roletas, "caixotes" e bastante organização, possui um

ambiente agradável. Uma das queixas da direção consiste na falta de pessoal especializado, no caso bibliotecários.

BUROCRACIA

João Alfredo reclama, ainda, da morosidade do atendimento prestado pela FEDF, não só no que diz respeito à reposição de material, mas à aprovação de projetos. Exemplo disso é que 45 mil metros quadrados, de uma área de 60 mil, são ociosos, tomados pelo mato. Ele explica que se quiser construir qualquer coisa, deve pedir autorização.

Segundo o diretor, na planta original do colégio constam uma quadra coberta, dois blocos de salas de aula e uma pista de atletismo: "Gostaríamos que fosse construído tudo isso e um auditório, coisa que a escola não tem". Lembra que, certa vez, devido a um problema na rede elétrica, "ficamos 48 dias sem luz". A direção conseguiu contactar uma firma que consertasse a instalação de graça, "mas a Fundação foi contra e nos mandou uma outra firma, através de licitação, que fez o serviço malfeito".

Praticamente, não existe área de lazer no Centro Educacional. Todavia, os alunos dispõem de uma quadra de esporte polivalente, que já sofreu duas reformas. Os banheiros estão em bom estado e as salas de aula, ventiladas e iluminadas, têm até persianas. Esses recursos, de acordo com ele, são doados por comerciantes da comunidade. A horta do colégio tem pouca produção por causa da má qualidade do solo e da carência de fertilizantes para corrigi-lo.

Não falta, por enquanto, material didático, de limpeza e de expediente: "Mas ficamos sabendo que não receberemos mais papel até o fim do ano".

Menor ganha socialização

Um grupo de senhoras do Lago Sul que trabalham com meninos de rua está interessado em utilizar as oficinas do colégio para reintegrá-los à sociedade. "Elas solicitaram o espaço físico e achamos interessante a proposta", comenta Aparecida Mendonça. Pelo menos 35 crianças serão beneficiadas: "Se 10 conseguirem se integrar, é sinal de que a iniciativa está dando certo".

O projeto foi aprovado, "segundo me informaram as senhoras" — lembra o apoio pedagógico — pelo secretário de Educação, Fábio Bruno. Ainda não foi implantado porque a Diretoria Regional do Plano Piloto e Cruzeiro está verificando a disponibilidade de pessoal especializado. "Essas crianças moram na rua. Muitas vivem no Gilberto Salomão, onde dormem e vivem suas vidas", diz Aparecida. João Alfredo vai mais além: "Tudo o que elas produzirem, desde uma tábua de carne, poderá ser vendido na Torre de TV, por exemplo". Ou seja: o programa pretende socializar os menores a partir da profissionalização.



Salas têm boa estrutura, estimulando a aprendizagem

Aulas em dose dupla

Quase todos os professores do Centro Educacional são pós-graduados, e residem no Lago. O nível de ensino é bom, mas o aprendizado é difícil, para os alunos carentes, de formação intelectual diferente daqueles que residem no Lago Sul. "Dai a necessidade de termos um projeto de reforço em matemática e português", explica a profissional de apoio pedagógico, Aparecida Mendonça. Segundo ela, "a defasagem é coberta duas vezes por semana".

As avaliações pedagógicas são feitas regularmente, com acompanhamento da direção, a nível local, intermediário e, em certos casos, central (na Fundação Educacional). O fato de existirem duas classes sociais absolutamente distintas, tem sido motivo de preocupação para o corpo docente. Os alunos não precisam comprar livros didáticos. Em cada um dos quatro bi-

mestres, adquirem, a preços bem menores, compêndios (livros de textos) semelhantes aos oferecidos pelas escolas particulares, contendo todas as matérias. O conteúdo é enriquecido pelos professores.

PRIVILEGIO

"Considero esse colégio, por pertencer à rede pública, privilegiado", afirma Aparecida, lembrando que existe déficit de um professor de biologia no turno da noite. João Alfredo enfatiza que a oficina de Práticas Industriais é um dos destaques da escola, onde é possível fazer trabalhos em madeira, metal, argila e artes gráficas: "Temos forno de cerâmica, serras circulares e tico-tico, prensa e furadora, dentre outras coisas". Com isso, os alunos podem exercitar livremente sua habilidade artesanal.

Salas de aula:	*****
Banheiros:	****
Cantina:	****
Laboratórios:	****
Biblioteca:	****
Área de Lazer:	***
Área de Esporte:	***
Segurança:	****
Manutenção:	****

COTAÇÃO:

*****	Excelente
****	Bom
***	Regular
**	Ruim
*	Péssimo ou Inexistente